

O problema do centro de diversões da cidade

J. O. DE MEIRA PENNA

Ao conceber o Plano Piloto que, a 16 de março de 1957, foi escolhido, entre vinte e tantos correntes, pela Comissão Julgadora dos projetos para a Nova Capital do Brasil, Lúcio Costa apresentou suas idéias num Relatório que constitui uma obra-prima de filosofia urbanística. Dizia o pai da arquitetura moderna brasileira, naquele documento, que a nova capital devia ser concebida não apenas como uma *urbe*, como uma cidade qualquer, mas como uma *civitas*, "possuidora dos atributos inerentes a uma capital". Sustentava, entretanto, que a cidade devia ser "viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação".

Pondo de parte o lado monumental da *civitas*, quero dedicar este artigo à concepção de Lúcio Costa quanto ao "centro de diversões" por ele referido no § 10º do Relatório. Era esse centro que, na sua admirável concepção, devia principalmente constituir o coração humano da cidade — aquele, precisamente, de que até hoje carece Brasília. Reproduzo a seguir, para conveniência de entendimento de minha crítica, o que escreveu o urbanista: Na chamada Plataforma, onde se cruzam os dois grandes eixos urbanos, "situou-se então o centro de diversões da cidade (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées)". Nesse local, explica ele, "foram concentrados os cinemas e teatros, cujo gabarito se fez baixo e uniforme, constituindo assim o conjunto deles um corpo arquitetônico contínuo, com galeria, amplas calçadas, terraços e cafés, servindo as respectivas fachadas em toda a altura de campo livre para a instalação de painéis luminosos de reclame". A simples leitura desses trechos e a fig. 11 que acompanha o Relatório tornam imediatamente evidente que um dos pontos essenciais do esquema, previsto para Brasília, foi horrendamente desvirtuado. Considero a falha umas das mais graves, senão a mais sé-

ria que ocorreu no desenvolvimento do Plano nestes últimos 25 anos. Lúcio Costa de fato explica: "As várias casas de espetáculo estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua do Ouvidor, das ruelas venezianas ou das galerias cobertas (arcadas) e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e "loggias" na parte dos fundos com vistas para o parque, tudo no propósito de proporcionar ambiente adequado ao convívio e à expansão". "O pavimento térreo do setor central desse conjunto de teatros e cinemas manteve-se vazado em toda a sua extensão... a fim de garantir continuidade à perspectiva..."

Em vez da imagem aprazível que nos oferece Lúcio Costa de um centro de diversões como os mencionados no Relatório, foram construídos edifícios de oito andares, denominados kafkianamente SDS e SDN, que são na realidade espécies de grandes supermercados, condimentados com alguns cinemas, bares e restaurantes. A idéia de Lúcio Costa não era evidentemente essa. Não creio que se possa aceitar como traduzindo a concepção do urbanista o Conjunto Venâncio, imundo e mal encarado e mesmo o Conjunto Nacional.

No final desse mesmo § 10º, refere-se Lúcio Costa a duas praças privativas de pedestres, uma delas fronteiriça ao teatro da ópera, e destinada a restaurantes, bares e casas de chá. Ele insiste na livre movimentação de pedestres. No §. 11º referência específica é feita aos setores comerciais, tornando claro que **não** era intenção sua misturar comércio com diversões. Finalmente, na parte conclusiva constante do § 23º, o arquiteto descreve a Capital de seus sonhos como "também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima", esclarecendo que é ela, "ao mesmo tempo derramada e concisa, búcólica e urbana, lírica e funcional", devendo "restituir o chão, na justa medida, ao pedestre".

Ora — é esse nosso argumento! — a principal objeção que se pode

e que se tem levantado contra Brasília é que é uma cidade fria onde o pedestre não tem vez. Muitos visitantes, procedentes de Rio ou de outras cidades brasileiras, observam que "em Brasília não há calçadas", "em Brasília não há esquinas" — no sentido que, em nossa cidade, não existem precisamente esses locais aprazíveis e íntimos — centros de convivência e bate-papo que todo brasileiro aprecia e cuja presença, na Nova-*cap*, Lúcio Costa certamente previu:

Uma acusação muito comum é feita de que Brasília é fria, é artificial, carece dâqueles recantos onde o calor-humano poderia reanimar e reestimular a cartesiana construção de concreto e vidro. Carece de praças, de parques, de ruas do Ouvidor, de ruelas venezianas, de centros de diversões como Piccadilly, Times Square ou de grandes calçadões como os dos Champs Elysées, ou mesmo os de Copacabana, da Cinelândia ou da Avenida Paulista. Carece, sobretudo, de áreas reservadas exclusivamente ao pobre pedestre, humilhado e perseguido.

Não é em vão que Lúcio Costa envocou Veneza. Uma das mais belas do mundo, Veneza possui o privilégio de desconhecer o automóvel. Hoje, em todas as grandes cidades surgem essas ruas de pedestres, esplanadas, passeios que são os centros de diversão noturna — com seus cinemas e restaurantes, suas discotecas e cabarés, suas galerias de arte, suas lojinhas de antiquários, seus bares ao ar livre: a Piazza della Signoria, em Florença; a Gamle Stan, em Estocolmo; a Stare Miasto (Cidade Velha), de Varsóvia, inteiramente reconstruída depois da guerra; a área da Bahnhofstrasse, em Zurique; o Str'øget, em Copenhague; a Kurfürstendamm, de Berlim; a Vittorio Veneto, as escadarias de Trinità del Monti e a Piazza Navona, em Roma. Além dos Champs Elysées, em Paris, poderíamos citar Montmartre, Montparnasse e o bairro renovado do Marais, em torno do Centro

Pompidou. Além de Piccadilly, diríamos que Londres inteira está repleta desses *quares* amenos onde o pedestre é rei. Telaviv transformou a velha cidade árabe de Jafa (no local do centro urbano talvez mais antigo do mundo) numa *kasbah* moderna. Em outras palavras, não há cidade da Europa e da América — nas nações mais adiantadas — que não haja procurado amenizar as condições rebarbativas das grandes metrópoles modernas, essas selvas do asfalto, com áreas reconstruídas à escala do homem, para proveito do que chama o inglês o *stroller* e o francês o *flaneur*. É assim lamentável que Brasília, que pretende ser a cidade mais moderna do mundo, não disponha de uma área de lazer como essas. Já é tempo! Só por uma aberração se consideraria o Conjunto Nacional como satisfazendo o requisito. No Centro Gilberto Salomão, contudo, um pequeno esboço da idéia parece haver surgido, espontaneamente — mas objetivando apenas os habitantes da Península Sul.

Espaço para realizar o projeto não falta. Na entrada do Setor Residencial Sul, para quem vem do aeroporto, entre a L-2 e a Avenida das Nações, por exemplo, ou na área abandonada entre a Catedral e o Setor Bancário Sul; ou na área a oeste do Setor Hoteleiro Norte. Há lugar, em suma, o que falta é vontade de realizar o previsto por Lúcio Costa.

Seguindo a concepção do urbanista, visualizou uma série de ruelas irregulares, com arcadas para proteção do sol e da chuva, ou sugerindo, por exemplo, as vielas de Ouro Preto; para uma volta nostálgica ao passado, de efeitos psicológicos saudáveis na Cidade do Futuro. Concebo algo aonde o brasileiro poderia se reunir longe dos automóveis, onde poderia perambular pelas calçadas, parar nas esquinas para um bate-papo, sentar-se num café para ver passar as garotas, entrar em galerias de arte ou lojas de antiquários. Em suma, reumanizar-se e desartificializar-se. Eis a idéia...